

XXII Colóquio
Brasileiro de
História da Arte

Historiografia das Artes Plásticas da Bahia

Dra. Maria Helena Ochi Flexor

Historiografia das Artes Plásticas da Bahia

Dra. Maria Helena Ochi Flexor – UFBA

O último repertório bibliográfico da arte brasileira foi feito por José Neistein e publicado em 1997. No levantamento realizado pelo autor, a produção baiana está muito defasada. A publicação citada mais recente refere-se a 1989. Neistein, como diretor do Brazilian-American Cultural Institute de Washington, e como editor contribuinte do Handbook of Latin American Studies, da Biblioteca do Congresso da capital americana, usou o acervo dessa Biblioteca para a referida publicação¹.

Em relação à Bahia, o maior número de referências feitas pelo autor diz respeito à grande produção que houve a partir de 1949 e já presentes no levantamento realizado por José do Prado Valladares que tinha resenhado e comentado uma bibliografia seletiva escolhida entre 1943 e 1954 com cerca de 500 títulos. O Museu do Estado publicou, como obra póstuma, a continuação desse trabalho, em 1960, que elevou para 700 o número de títulos (VALLADARES, 1960, p. 193p). Em Neistein não só estão ausentes vários títulos aparecidos a partir de 1970, quanto aqueles anteriores a 1949, data da primeira referência feita pelo autor².

Antes de 1949 deve-se destacar Carlos Chiacchio que, embora tratasse de literatura, foi o responsável pelos primeiros escritos sobre arte moderna em sua coluna *Homens e Obras*, do Jornal *A Tarde*, onde incluiu, a partir de 1928,

¹ Esse autor procurou complementar o trabalho feito anteriormente por Robert C. Smith e Mário Barata. O levantamento de Smith anotou a bibliografia de arte brasileira para o Handbook de 1953 a 1962, trabalho continuado por Mário Barata de 1963 a 1968.

² Vide alguns exemplos nas referências bibliográficas.

oito rodapés com o título *Modernistas e Ultramodernistas*, em seus dezoito anos de colunista (MASCARENHAS, 1979, 139p.). Criou a revista *Arco e Flexa*, que para se opor à cultura européia, contrapunha a tanga o arco e a flecha à máscara, o florete e à luva (ALVES, 1978. 151p). Outros periódicos como *Samba*, *Meridiano* e *O Momento* se somavam àquela revista.

A partir de então, em lugar de livros, os jornais e as revistas teriam papel fundamental na divulgação da arte. O *Salão de Ala – Ala das Letras e das Artes* –, do qual Chiacchio fez parte, criou, além de salões, conferências, recitais de poesia, também um jornal para difundir suas novidades e ideologias.

O primeiro baiano, no entanto, a tratar da arte baiana foi Manoel Raymundo Querino. Apesar de sua interessante produção intelectual para o período em que viveu, - segunda metade do século XIX e começo do XX -, foi mais um cronista que historiador e suas obras apresentam impressões cronologias e atribuições indevidas. Querino publicou a primeira edição de seu livro *Artistas Baianos*, em 1909 e, quase ao mesmo tempo um outro, *As Artes na Bahia*³. Muitas das suas referências, especialmente do período que não vivenciou, basearam-se na tradição oral, ou deduções pessoais, o que, de fato, não credenciam seus dados como verdadeiros (FLEXOR, 1998, p. 175-215; IDEM, 1998, p. 77-100).

Carlos Ott acusou Querino de ter utilizado, parcialmente e sem indicar a fonte, para a composição de *Artistas Bahianos*, um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, denominado *Noções sobre a procedência da arte da pintura na Província da Bahia*⁴, de autor anônimo. Este seria, na realidade, o primeiro estudo sobre a arte baiana. Esse autor anônimo, como Querino, baseou-se na tradição oral.

Depois de Querino, passaram-se alguns anos até que aparecessem os escritos produzidos por Marieta Alves e pelo citado Carlos Ott. Esses dois

³ A 2ª edição é de 1913.

⁴ Carlos Ott transcreveu o manuscrito, modernizando a grafia (OTT, 1947, p. 197-218).

autores, ao lado de Germain Bazin e Robert Smith, dominaram a historiografia, especialmente a referente à arte conhecida como *colonial*.

É importante ressaltar que, posteriormente, todos esses autores, especialmente Manoel Querino, vêm sendo utilizados indiscriminadamente pelos estudiosos como se o tempo, e outros trabalhos mais recentes, não desempenhassem nenhum papel dentro da história da arte baiana. Suas informações são repetidas por outros autores, sem o crivo da análise ou da crítica, sem a busca de comprovação documental. É o caso de Frei Sinzig (SINZIG, 1933, p. 35, 46)⁵ que, no dizer da própria Marieta Alves (ALVES, 1959), não tinha necessidade de repetir as afirmações de Manoel Querino, relativas às obras de arte existentes no Convento, pois, como franciscano, tinha a sua inteira disposição toda a documentação. Foi também o exemplo de Afrânio Peixoto e outros autores (PREFEITURA, 1973, p. 61). Afrânio Peixoto dizia que, Carlos Rubens, em 1941, *tomou Manuel Quirino como guia* e que ele tomava Carlos Rubens (1947, p. 313) como seu guia. E existem outros mais como Sílio Boccanera Júnior (BOCCANERA JUNIOR, 1921, p. 130-131: IDEM, 1928, p. 376) e Fr. Teves (1926, p. 15), Silvio Romero, etc. Boccanera Júnior chegou a usar as informações de Querino para apontar *um erro histórico* de Rocha Pombo. Ainda em 2001 encontram-se artigos citando Manuel Querino como fonte primordial de informação. Como disse Clarival do Prado Valladares (1967, p. 139-141), de fato *tornou-se a obra de Manoel Raymundo Querino a fonte mais recorrida para identificação e registro biográfico de artistas e artífices*. Valladares reconhecia *os eventuais erros de precisão científica*, mas suas críticas também não desfizeram as imprecisões. Ressalva seja feita ao belga Jacques Résimont (1986/1989, p. 101-117).

No tempo percorrido entre Querino e Marieta Alves e Ott, surgiram os

⁵ O trabalho de Frei Sinzig, *Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de São Francisco da Baía*, foi uma contribuição da Sub-comissão de Iconografia Brasileira, criada no Congresso de Ciências Históricas de Veneza, em 1929, e publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

reflexos do movimento regionalista, encabeçado por Arthur Ramos e Gilberto Freyre, valorizando a tradição luso-brasileira e o *produto nacional*⁶ que teria em Jorge Amado, e seus companheiros intelectuais, os porta-vozes baianos e, entre eles, intelectuais e artistas plásticos. Identidade nacional, regionalismo, socialismo, descoberta do patrimônio cultural, erudito e popular, coincidiram, na Bahia, com o advento do modernismo. Isso explica porque, ao mesmo tempo em que Marieta Alves, Carlos Ott, D. Clemente da Silva-Nigra, Valentin Calderon escreviam sobre a arte *colonial*, os irmãos Valladares se voltavam para o modernismo e os artistas plásticos vissem no nacional e regional os principais modelos para a temática de suas obras.

Com a morte de Chiacchio, em 1947, os alardes modernistas só encontrariam apoio nesse outro jornalista, José do Prado Valladares que, de 1930 a 1959, data de sua morte, foi diretor do Museu do Estado e fez dessa instituição ponto de apoio para irradiação das discussões sobre arte. Na gestão de Valladares foi criado um centro de publicações que editou estudos relativos à arte e cultura da Bahia, dentro de características regionalistas (CAMPOS, s.d., 83p.; HERSKOVITS, 1943, 20p.; FRANÇA, 1944, 74p.; VALLADARES, 1946, 105p.; EDELWEISS, 1947, 220p.; CARNEIRO, 1948, 140p.; CALMON, 1949, 257p.; VIANNA JÚNIOR, 1950, 105p.; WAGLEY, 1950; SMITH, 1951, 73p.; VALLADARES, 1951, 86p.; CALAZANS, 1951, 112p., etc). Estes continuavam o processo de redescoberta da Bahia, a exemplo de outras regiões brasileiras, valorizando, em lugar da Europa, as coisas da América Espanhola e do Brasil. A onda regionalista coincidia com os preparativos para as comemorações dos 400 anos de Salvador. Os temas, de caráter essencialmente baianos dessa geração, prenderam-se à tradição afro, ao sertão ou ao cotidiano urbano. Movidos por esse clima, vinte e sete intelectuais fundaram, em 1941, o *Centro de Estudos Baianos*, tendo a frente Osvaldo Valente, que publicou várias monografias referentes à Bahia e constituiu, inclusive, o conjunto de estudos que formaria a

⁶ Especialmente o mulato e o negro.

coleção *Evolução da Cidade do Salvador*.

É o período do governo de Otávio Mangabeira (1947-1951)⁷ em que foi intensa a intervenção do Estado na cultura, decorrente de toda política, nessa área, por parte do Estado-Novo, recém-substituído. Nesse processo deve-se destacar a personalidade de Anísio Teixeira que configurou o perfil da Secretaria de Educação e Saúde, através do Departamento de Cultura, criado na sua gestão⁸.

No processo da busca de elementos constitutivos da nacionalidade brasileira, a *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* foi responsável pela publicação de artigos e livros falando sobre a Bahia (SMITH, 1952, p. 83-134; OTT, 1960. 236p., por exemplo). Boa parte da atenção dos estudiosos do período, no entanto, estava voltada para Minas Gerais e para Aleijadinho, deixando a Bahia para segundo plano. Por isso mesmo, a nível nacional, a Bahia aparecia, e apareceria, superficialmente citada nas obras gerais de história da arte brasileira⁹.

Nesse contexto se criava a Revista *Habitat*, sob a direção de Lina Bo Bardi, e depois Flávio Mota, que traduziam claramente a ideologia vigente de valorização do nacional, do regional, do folclórico, do moderno, e onde a Bahia teve lugar sempre privilegiado.

Localmente se preparava a publicação da *História das artes na Bahia*¹⁰, que procurou, sobretudo, ressaltar a produção com características específicas locais, contando com trabalhos de Marieta Alves, Robert Smith, Carlos Ott e Affonso Ruy. A Prefeitura Municipal, nesses anos 1950, promoveu a publicação dos *Pequenos Guias das Igrejas da Bahia*.

⁷ É quando se abre a Rio-Bahia, inaugurada em 1949, e se inaugura a estação de passageiros no aeroporto chamado, então, de Ipitanga, colocando a Bahia em contato com o centro-sul e o mundo.

⁸ No seu governo construiu-se o Hotel da Bahia onde, com a obra ainda inacabada, realizou-se o Primeiro Salão Bahiano de Belas Artes, criado em comemoração ao 4º Centenário da Cidade do Salvador e que já trazia uma divisão de arte moderna, separada das representações classicizantes.

⁹ Vide bibliografia.

¹⁰ Só publicada em 1967, embora conste como *Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador, comemorativa do IV Centenário da Cidade*, que tinha sido em 1949.

Os jornais e as revistas começaram a dar apoio a tudo que se afigurasse como novidade. A arte moderna, no início da década de 50, já encontrara a *atitude de irrestrita simpatia* e, por parte da imprensa, um *crédito excessivo* no ver de Valladares (1957, p. 75-76). Com interesse comum, os artistas modernos tiveram o apoio irrestrito de alguns intelectuais como os próprios Valladares. A eles se somavam o educador Anísio Teixeira, o poeta Godofredo Filho, o jornalista Odorico Tavares. Jorge Amado, ainda longe da Bahia, escrevia sobre os artistas, especialmente na revista *Para Todos*.

Clarival Valladares, de 1957 a 1964, embora tivesse mudado para o Rio desde 1962, colaborava com o *Suplemento do Diário de Notícias*. Foram críticos e incentivadores atuantes Antônio Celestino, Carlos Eduardo da Rocha, Romano Galeffi, Wilson Rocha que se serviram das páginas dos jornais da capital especialmente em incentivo aos movimentos de vanguarda. Outros os sucederiam posteriormente e os jornais (e os catálogos), na realidade, constituiriam a principal fonte documental para o modernismo baiano¹¹.

O apoio de José Valladares, manifestado de diversas formas aos artistas, se deu também através da imprensa na coluna *Dominicais* (VALLADARES, 1951, 202p), com séries de crônicas publicadas, entre 1948 e 1950, tentando, sobretudo, desfazer os preconceitos em relação à arte moderna. José Valladares contou com os *Diários Associados*, em cujo *Suplemento Dominical do Diário de Notícias*, publicou suas crônicas e críticas. Essa série foi seguida de outra, que reuniu as crônicas subsequentes, de 1951 a 1956, abrangendo vários aspectos de arte e dando notícias dos Salões Bahianos de Belas Artes (IDEM, 1957, 176p.), contendo 35 artigos publicados no mesmo jornal. As *Dominicais* foram publicadas, sob a forma de livro, com a subscrição de 45 amigos e da revista *Cadernos da Bahia*. Por ocasião da publicação das *Artes Maiores e Menores*, contendo a segunda série de

¹¹ A partir de então, a Construtora Norberto Odebrecht foi responsável por várias publicações de excelente qualidade gráfica, entretanto, destinadas a um público restrito, distribuídas como brindes e que

crônicas, em 1957, Valladares constatou que as condições do trabalho intelectual tinham se modificado na Bahia de tal forma que não precisou mais da boa vontade dos amigos para publicar seus escritos. Tanto a Universidade Federal da Bahia¹², com o reitor Edgard Santos, as Livraria Progresso, Beneditina se voltaram para a edição de autores locais.

Todos tinham, também, a proteção dos *Diários Associados*. Os *Diários Associados* eram dirigidos, na Bahia, por Odorico Tavares, homem de confiança de Assis Chateaubriand. Odorico Tavares publicou crônica diária, a *Rosa dos Ventos*, com as iniciais O. T., da qual fez ponte de irradiação da cultura baiana.

De 1948 em diante alguns fatos importantes devem ser citados, pois fortaleceram a historiografia, dois dos quais especialmente destinados à propagação e defesa da arte moderna: a criação da revista *Cadernos da Bahia* e a instalação da *Galeria Oxumaré* as quais se somava o *Salão Bahiano de Belas Artes*. A revista e editora *Cadernos da Bahia*, aquela lançada em 1948, pregavam a renovação literária e artística e davam o suporte crítico ao movimento. A revista existiu até setembro de 1951, produzindo cinco números. Foi criada, sob a liderança de Carlos Vasconcelos Maia, que, além de publicar textos, promovia debates, conferências com intelectuais locais ou vindos do sul. *Cadernos da Bahia*, como editora, patrocinou a edição de obras e leilões de arte.

Nos finais da década de 50, o movimento estudantil manifestava-se em todo o Brasil. Em 1957, da mesma forma como o grupo *Cadernos da Bahia*, surgiam novos jovens artistas ligados a Escola de Belas Artes e outros, ainda alunos do Colégio Central da Bahia. Estes reuniram-se em torno da revista

raramente chegavam, ou chegam, às mãos dos estudiosos interessados.

¹² Publicava-se a *Revista Arquivos da Universidade da Bahia, Escola de Belas Artes*, seguindo de perto, o formato da revista do mesmo nome da Escola Nacional de Belas Artes, contendo artigos dos professores e referências às teses e concursos, programas de cursos. Foram poucos os números publicados na década de 50.

*Mapa*¹³, tentando integrar artes plásticas, cinema, teatro, cenografia, poesia, literatura, música, edições de livros e revistas numa base global¹⁴.

Os componentes dos *Cadernos da Bahia* tinham se dispersado, por 1957, e o grupo *Mapa* tentava reunir novamente artistas, intelectuais e estudantes. Diferentes daqueles, este já constituía, no fim da década, mas principalmente nos princípios dos anos 60, um grupo que passava a enxergar a arte de forma diversa, dotando-a de um sentido coletivo e caracterizando-a como movimento, incluindo a política. Mais uma vez fizeram ressaltar os assuntos cruciais da nacionalidade, mas com outros objetivos. Enfocavam a gente sertaneja, o drama do latifúndio, a seca, as revoltas anárquicas do misticismo e o cangaço, a começar pela obra cinematográfica de Glauber Rocha e Roberto Pires. Os pontos de encontro desse grupo eram a *Sorveteria Cubana*, junto ao Elevador Lacerda, e a Livraria Civilização Brasileira, na Ajuda. Calasans Neto, um desses componentes, foi responsável pela editora experimental *Macunaima* que publicou algumas obras de referência sobre a Bahia.

É pelos anos 1950-1960 que alguns eventos foram realizados provocando o enriquecimento da produção bibliográfica, como os Colóquios Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros em Washington e Lisboa. O IV Colóquio deu-se na Bahia, em 1959, destacando-se as atuações, mais uma vez, de Marieta Alves e Carlos Ott. A presença de historiadores portugueses estimulou os estudiosos baianos. O V Colóquio deu-se em 1968, em Coimbra. Nesse Colóquio, Alberto Iria, então diretor do Arquivo Ultramarino de Lisboa, apresentou seu trabalho de compilação de documentos baianos existentes naquela instituição¹⁵.

¹³ Título tirado de um poema de Murilo Mendes.

¹⁴ Esse grupo criou a Jogralesca, no Colégio Central, onde se destacariam Glauber Rocha, Paulo Gil e Fernando Peres.

¹⁵ IRIA, Alberto. A Bahia no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. V Congresso Histórico Nacional, 1950, v. 2, p. 15-30. Nas p. 221-242 tratava das inscrições lapidárias da igreja da Vitória, de autoria de E. de Carvalho Rebelo.

O DESC – Departamento de Educação e Cultura – que se transformaria na atual Fundação Cultural, ligado a Secretaria de Educação -, incentivou a política cultural com projetos que levaram a Bahia ao cenário nacional. Nessa década se institucionalizaria a arte moderna com a criação do Museu de Arte Moderna, em 1960.

É nesse período que houve dominância do que se pode chamar *Escola Bahiana de Gravura* quando despontou a Galeria Bazarte que, além de dar condições aos artistas para trabalhar, se responsabilizou pela publicação de quatro álbuns de gravura de *Gravadores Baianos*.

Faltavam, no entanto, revistas seriadas constantes e livros para divulgar a arte baiana. Como já se fez referência, esporadicamente apareciam algumas revistas sem que tivessem constância. Em 1965 foi editada a *Revista da Bahia*, publicada pela Imprensa Oficial. O seu conselho editorial comportava artistas plásticos. Aparecia como órgão defensor da classe e servindo, também, para disseminar a cultura estética em Salvador. Teve Juarez Paraíso à frente. Seus números apareceram, irregularmente, até 1967. A partir dessa data o Estado diminuiu sua intervenção na publicação de obras de autores locais, embora ainda fossem impressas algumas em convênio entre DESC e as Librarias Beneditinas e Itapoã. Daí por diante a Fundação Cultural do Estado da Bahia e a Empresa Gráfica da Bahia começaram a publicar, uma ou outra, obras submetidas a um conselho editorial. Não foram feitas publicações de livros especificamente dedicados às artes plásticas.

A década de 60, se de um lado foi marcada por uma grande atividade artística, por outro foi, também, marcada pelo regime militar calcado no poder transgressor dos direitos de cidadania e foi agente repressor das manifestações culturais. A militância política e cultural cresceu em setores da classe média urbana, especialmente entre intelectuais e estudantes, mobilizando-os para colocar em prática seu discurso e desempenhar um papel de resistência. A Bahia, em contraponto, passava por inúmeras transformações

a partir do governo Luiz Vianna Filho. Nesse governo criou-se o Conselho Estadual de Cultura, ligado à Secretaria de Educação e Cultura e seu primeiro presidente foi Odorico Tavares que publicou a *Revista de Cultura da Bahia*, cujos artigos versavam sobre vários assuntos com a autoria dos membros que pertenciam principalmente à velha guarda da intelectualidade baiana.

A Imprensa Oficial da Bahia – IOB -, em 1968, sob a direção de Junot Silveira, buscando incentivar as letras e artes, editou, em abril, um volume da coleção *Plásticos da Bahia* com séries de reproduções de artistas. Evidentemente a IOB selecionou para essa coleção os nomes já consagrados da primeira geração de modernos da Bahia: Carybé (IMPrensa, 1968, s.p.), Mário Cravo (IDEM, 1968, s.p.), Jenner Augusto e Genaro de Carvalho (IMPrensa, 1969, s.p.), Floriano Teixeira (IMPrensa, 1971, s.p.).

Depois de 68 a censura de obras de arte e de escritos, como aliás, de resto, a censura em geral, fez retrair a produção e, em especial, retardou a exploração de temáticas ousadas. O governo desestimulou a arte engajada e o futebol começou a tomar conta da cultura popular, apoiado por esse poder público e meios de comunicação de massa. A cultura era subversiva. O *Jornal da Bahia* acusou o marasmo cultural que adentrou a década seguinte que não abrilhantava nem a tradicional festa de 7 de Setembro. Vários cursos, seminários, congressos, estudos de arte tinham sido promovidos pelos museus, escolas, institutos culturais e galerias da cidade durante a década anterior, especialmente ligados aos movimentos de renovação do pensamento ocidental. 1968 colocou fim a essa linha de conduta. Diminuíram os eventos, que não desapareceram, mas também não causavam mais polêmica ou incômodos ao Estado. Diminuíram, em conseqüência, as publicações. Em decorrência de tudo isso, os nomes que demarcaram o cenário das artes plásticas na Bahia na década de 70, surgiram timidamente, agora sem o apoio oficial, sem espaços de expressão livre, sem críticos caracterizados pela iniciativa, atividade e ousadia.

Poucos nomes firmaram-se como críticos de arte. Embora em número reduzido, despontavam como opiniões baianas abalizadas Ivo Vellame e Matilde Matos que, dentro da concepção da crítica nova do período, tornaram-se críticos ativos, promovendo e participando de eventos artísticos. Os próprios artistas pediam, então, intervenção do Estado. Realizaram-se alguns encontros que redefiniram os caminhos da arte como o *I Seminário de Cultura da Cidade*, promovido pela Prefeitura, em 1975, e encontros de estudantes-artistas, no governo Jorge Hage. Esse Prefeito criou a *Revista da Cidade do Salvador*, que não teve continuidade. Nesse mesmo ano, a nível federal e institucionalmente, a arte se fortalecia com a criação da FUNARTE, *Fundação Nacional de Arte*, sediada no Rio de Janeiro, que passou a dar apoio cultural e financeiro para eventos e publicações de arte, embora preferencialmente apoiasse as produções cinematográficas.

O Departamento Cultural e a Coordenação Central de Extensão, da UFBA, durante os anos 70 promoveram atividades artísticas, exposições e algumas publicações. A *Universitas, Revista de Cultura*, da UFBA, com publicações intermitentes, sempre abriu espaço para historiadores da arte. O mundo editorial descuidou, com raras exceções, da publicação sobre a matéria. Apesar dos avanços na indústria gráfica se publicava pouco sobre arte na Bahia. As bibliotecas de arte do Estado, apesar de crescerem no período, estavam longe de ser capazes de dar informes atualizados aos interessados, sofrendo, como os museus, a asfixia das verbas reduzidas.

É preciso destacar que a imprensa baiana, a partir de Carlos Chiacchio, reservou, quase que continuamente, um espaço dedicado às artes. Esses espaços, e depois as colunas, inclusive, mostram as tendências das artes entre os anos 1928 e 1999. De início estava voltada, ainda para literatura e as belas artes. Valladares, em suas colunas, já distinguira artes clássica e moderna, maiores e menores. Pelos anos 60 as colunas passam a se chamar artes plásticas. Com a mudança das formas de representações plásticas, ou com as

influências pós-modernistas, a coluna passou a chamar-se artes visuais. Juarez Paraíso escreveu uma série de crônicas de arte, a partir de 1965, no *Diário de Notícias* e colaborou em seu *Suplemento*. O Jornal *A Tarde*, manteve a coluna *Artes Plásticas* que teve Reynivaldo Brito à frente durante mais de uma década. Foi substituído por Juarez Paraíso que colaborou, com Riolan Coutinho, para a *Tribuna da Bahia* e *Jornal da Bahia*, por vários anos. Este último periódico, também possuía uma coluna de *Artes Plásticas* cujo responsável, nos meados da década, foi Newton Sobral. Carlos Coquejo, embora voltado para a música popular (e para as leis trabalhistas) incursionou nas artes plásticas. O mesmo aconteceu com Nelson Araujo, Guido Guerra, Glauber Rocha...

Já, a partir dos anos 70 os jornais passaram a ter coluna especial independentemente de preconceitos estéticos. Os artistas e as críticas de arte não precisavam mais aparecer fortuitamente nas colunas sociais de Sylvio Lamenha, Renot ou July. Porém foram os próprios artistas, e uns poucos historiadores ou críticos, que assumiram esse papel escrever sobre si. A crítica de arte ainda era exercida por Reynivaldo Brito, Romano Galeffi, Jacy Brito, Juarez Paraíso em colunas especializadas no *Jornal da Bahia*, na *A Tarde*. Nos anos 90, a crítica continuou nas mãos dos críticos anteriores, embora novos nomes começassem a surgir como Eduardo Evangelista, Clodoaldo Lobo, Aldo Tripodi, Herbert Magalhães, Justino Marinho e César Romero, alguns deles artistas, e novos meios de divulgação como o *Correio da Bahia* e *Bahia Hoje*. Para suprir um pouco as deficiências, na década de 1980 criou-se o *Núcleo de Arte do Desembanco*, destinado a armazenar trabalhos e referências bibliográficas de artistas. Publicou alguns catálogos.

Academicamente na década de 80 funcionou o Curso de Especialização em Crítica de Arte, montado e coordenado por Romano Galeffi que não produziu nem motivou publicações. Estas seriam tentadas no âmbito da Escola de Belas Arte pelo Núcleo de Estudos de História da Plásticas na Bahia que

chegou a publicar três boletins, congregando professores e estudantes no início da década de 1990.

Nesses anos 90 a cultura, depois de 68, sofreria novo golpe com o plano econômico de Fernando Collor que desesperou a muitos, usando de medidas provisórias, como forma de governo, e que extinguiu várias instituições de cultura e de arte, incluindo a Lei Sarney o que, evidentemente, afetou a estrutura baiana. Em conseqüência, além de notícias em jornais e catálogos, apenas Carlos Ott continuaria, por conta própria, a publicar suas obras ou, relançado seu livro sobre pintura, pela MWM, e que foi totalmente reescrito por Emanuel Araújo.

A criação do Curso de Pós-Graduação em Artes, em 1992, fez aumentar a produção de escritos sobre arte, não só com as dissertações, mas também com artigos e comunicações para participações em congressos e seminários e outros eventos científicos (OLIVEIRA, 1997; CASIMIRO, 1995; GOMES, 1995; PEREIRA, 1995; OLIVEIRA, 1995; MATSUDA, 1995, CARVALHO, 1995; NASCIMENTO, 1997, etc.). Tendo sido reconhecido pela CAPES, prevê-se, produção sistemática, não só de dissertações, mas de *papers* e artigos que aumentem significativamente a bibliografia artística, na área das artes plásticas, na Bahia. Mas a historiografia sobre artes plásticas ainda permanece diminuta e sem atrair interesse, tanto de historiadores, quanto das instituições ou da indústria gráfica baianos.

Bibliografia

ALVES, Ivia. *Arco & flexa, contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. 151p. (col. Cabália,3).

ALVES, Marieta. Ainda uma vez... reforma de Igreja, Salvador, *A Tarde*, 12.1.1959.

_____. Capela do SS. Sacramento da demolida Matriz de S. Pedro, Salvador, *A Tarde*, 25.7.1960.

_____. A Casa dos Santos da Ordem 3ª de S. Francisco, Salvador, *A Tarde*, 19.5.1958.

_____. A era dos museus. *A Tarde*, Salvador, 15.9.1958.

- _____. A escultura na Bahia, Salvador, *A Tarde*, 2.3.1959.
- _____. Arquivo Pessoal: Produção Intelectual; anotações, transcrições, diversos, Arquivo do Estado da Bahia
- _____. *Dicionário de artistas e artífices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1976. 210 p.
- _____. *Encarnadores de imagens, douradores, pintores*, 28.3.60 (datil.) Col. Produção Intelectual, Arquivo Público do Estado da Bahia.
- _____. Enquanto o ferro desafia o tempo. *A Tarde*, Salvador, 9.3.1959.
- _____. Escultura, arte de escol. In: Arquivo Pessoal: Produção Intelectual; anotações, transcrições, diversos, Arquivo do Estado da Bahia, 29.4.1959, 3 fl. (datilografado).
- _____. Escultura, arte de escol, Salvador, *A Tarde*, 20.4.1959.
- _____. Félix Pereira Guimarães, grande escultor e entalhador, Salvador, *A Tarde*, 4.7.1960.
- _____. *História, arte e tradição da Bahia*. Salvador: Prefeitura Municipal/Departamento Cultural/Museu da Cidade, 1974. 158p.
- _____. *História da Venerável Ordem 3ª da Penitência do Seráfico Pe. São Francisco da Congregação da Bahia*. Bahia: Imprensa Nacional, 1848. 414p.
- _____. Mestres entalhadores naturais da Bahia e suas obras, Salvador, *A Tarde*, 19.1.1959.
- _____. Nobreza diferente, Salvador, *A Tarde*, 27.1.1958.
- _____. Notas à margem do livro "Artistas Bahianos" de Manoel Querino. In: *Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia*, Bahia, v. 5, p. 535-543, 1951 (publicado pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia).
- _____. *Ordem 3ª de S. Domingos*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1950. 26p. (Pequeno guia das Igrejas da Bahia, 4).
- _____. Escultura. In: ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos e RUY, Affonso. In: *História das artes na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1967. p. 47-65, 173-207. (Comemorativa ao IV Centenário da Cidade; Col. Evolução Histórica da Cidade do Salvador, IV).
- ARGOLO, José Dirson. Pedro Ferreira: escultor, policromador e restaurador. *ABRACOR Boletim*, Rio de Janeiro, nº 2, ano 4, p.4-5, jun. jul. 1997.

BARDI, Pietro. História da arte brasileira; pintura, escultura, arquitetura, outras artes, 4ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988. 228p.

BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *Bahia cívica e religiosa; subsídios para a história*. Bahia: A Nova Graphica, 1926. 410p.

_____. *Bahia epigraphica e iconografica*. Bahia: s.c.p., 1928. 488p.

_____. *Bahia histórica; reminiscências do passado registro do presente*. Bahia: Typ. Bahiana, 1921. 308p.

CALASANS NETO. A geração Mapa. In: PONTUAL, Roberto. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 94-95.

CALAZANS, José. *Cachaça, moça branca*. Bahia: Secretaria de educação e saúde, 1951.112p.

CALDERON, Valentin. Evolução das artes plásticas na Bahia, 1912-1974, *A Tarde*, Salvador, 1 mar. 1975, p. 8.

_____. *José Guimarães*. Salvador: Museu de Arte Sacra da UFBA., 1975.

CAMPOS, João da Silva. *Tempo antigo*. Bahia: Imprensa Oficial, s.d. 83p.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador: Beneditina, 1948. 140p.

CARVALHO, Vânia Bezerra de. *Presépio: religião e arte no Recôncavo*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.

CASIMIRO, Ana Palmira B. S. *Mentalidade e estética na Bahia colonial: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o frontispício da sua igreja*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.

COELHO, Antônio A . *Contribuição ao estudo das artes brasileiras*. Salvador: Manu, 1969 (Centro de Estudos Baianos, 51, 61).

COELHO, Ceres Pisani Santos. *Artes plásticas, movimento moderno na Bahia*. Salvador, 1973. 227p.

EDELWEISS, Frederico. *Tupis e Guaranis*. Bahia: Imprensa Oficial, 1947. 220p

FLEXOR, Maria Helena. *Oficiais mecânicos na cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1974. 90p.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Academia Imperial de Belas Artes "inspiração" da Academia de Belas Artes da Bahia. In: *Anais do Seminário EBA 190 anos*. Rio de

Janeiro: UFRJ, 1997. P. 281-306.

_____. Autorias e atribuições: a escultura na Bahia dos séculos XVIII e XIX. In: *Musev*, Porto, IV série, nº 7, p. 175-215, 1998.

_____. *50 anos de arte moderna na Bahia*. Salvador, 1998. 155p. (digitado).

_____. As devoções religiosas na Bahia do século XVIII. In: *Anais da XVI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)*, Curitiba, p. 145-150, 1997.

_____. Historiografia da arte na Bahia: Manoel R. Querino, Marieta Alves e Carlos Ott. In: *Revista da SBPH - Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, Nº 14, p. 77-100, 1998.

_____. A imagem de Cristo Crucificado na Bahia setecentista. *Boletim do CEIB - Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*, Belo Horizonte, Ano I, nº 3, p. 2-3, jun., 1997.

_____. A emigração e a arte moderna na Bahia.. In *A Cor das Letras*, Feira de Santana, nº 1, p.173-180, dez. 1997.

_____. Interior da Igreja de São Francisco da Bahia no século XVIII. Comunicação apresentada no *IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Salvador, 22-26 setembro 1997. 22 fl. (digitadas).

_____. Móveis antigos: nomenclatura. *Arte e Cultura na América Latina / Sociedade Científica de Estudos da Arte*, São Paulo, ano V, nº 5, p.31-51/142-145, 1994.

_____. *Mobiliário baiano; séculos XVIII-XIX*. Salvador, 1970. 168 p. (Tese apresentada ao concurso para assistente na EBA/UFBa).

_____. *Mobiliário brasileiro: Bahia*. São Paulo: Espade, 1979.

_____. Mobiliário: questão de nomenclatura. In: BESSA, Pedro Pires (Org.). *Integração latino-americana*, Juiz de Fora: UFJF; Belo Horizonte: FAPEMIG, 1993. p. 323-327.

_____. Os oficiais mecânicos (artesãos) de Salvador e São Paulo no período colonial. In: *Revista Barroco*, Belo Horizonte, nº 17, p. 139-154, 1993/6.

_____. Os oficiais mecânicos em duas regiões brasileiras:

Salvador e São Paulo. In: *Revista Universitas, Cultura*, UFBA, Salvador, n. 37, p. 33-52, jul.-set. 1986

_____. Ofícios, manufaturas e comércio. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica do período colonial*. São Paulo: Hucitec / Fapesp / Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 1996. p. 173-194.

_____. O regionalismo na arte moderna brasileira: Bahia. In: *Cultura Visual*, Salvador, v. 1, nº 1, p.69-78, jan.jul. 1998.

_____. A religiosidade popular e o imaginário na Bahia do século XVIII. In: *Actas do III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Évora, p. 11-31, 1997.

FRANÇA, Acácio. *A pintura na Bahia*. Bahia/Secretaria de Educação e Saúde/Imprensa Oficial, 1944. 74p..

GOMES, Célia Maria Barreto. *Do laço ao traço... a mulher artista em Salvador, 1900-1945*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.

HERSKOVITS, Melville. *Pesquisas etnográficas na Bahia*. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde/Imprensa Oficial, 1943. 20p.

LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil; 1549-1760*. Lisboa: Broteria, 1953.

LUDWIG, Selma Costa. *A Escola de Belas artes cem anos depois*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1977. 17p (Col. Centro de Estudos Baianos, 80).

_____. *Mudanças na vida cultural de Salvador; 1950-1970*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982. 169p. (Dissertação de Mestrado).

MACHADO NETO, Antônio Luís. A Bahia Intelectual. *Universitas, Revista de Cultura*, UFBA, Salvador, nº 12/13, p. 261-305, mai/dez. 1972.

MAMB/Comissão do Sesquicentenário da Independência da Bahia. *150 anos de pintura na Bahia*. Salvador: Artes Gráficas, 1973.

MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio: homens & obras; itinerário de dezoito anos de rodapés semanais em A Tarde*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. 139p.

MATSUDA, Malie King. *As artes plásticas em Salvador*. Salvador: EBA/UFBA, 1995.

MUSEU DE ARTE MODERNA. Saudades do Brasil, a era JK. Salvador: MNAMB/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993. 1993p.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte. Salvador: EBA/UFBa, 1995.

OLIVEIRA, Selma Soares. *Imagens de roca: uma coleção singular na Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. Salvador: EBA/UFBa, 1997.

OTT, Carlos. A pintura na Bahia, 1549-1850. In: ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos e RUY, Affonso. Ob. cit. p. 69-108. (Comemorativa ao IV Centenário da Cidade; Col. Evolução Histórica da Cidade do Salvador, IV).

_____. *Atividade artística nas igrejas do Pilar e de Sant'Ana da cidade do Salvador*. Salvador: Gráfica Universitária, 1979. 393p. (Publicações da FFCH/UFBa, 1).

_____. *O Carmo e a Ordem 3ª do Carmo da Cidade do Salvador*. Salvador: Alfa, 1989. 53p.

_____. *Evolução das artes plásticas nas igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*. Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBa, 1979. 393p. (Col. Frederico Edelweiss, 2).

_____. *Filosofia da arte portuguesa e da brasileira; segunda parte, de 1650-1900*. Salvador: Alfa, 1990.

_____. *História das artes plásticas da Bahia, 1500-1900*. Bahia: Alfa, 1991-1993. 3v.

_____. *Igreja e Convento de São Francisco*. Salvador: Alfa, 1988. 60p.

_____. Noções sobre a procedência d'arte da pintura na Província da Bahia. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, nº 11, p. 197-218, 1947.

_____. *Pequena história das artes plásticas na Bahia entre 1550-1900*. Salvador: Alfa, 1989. 63p.

_____. *A Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador*. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1960. 237p. (Publicações do PHAN, 21)

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*, 3ed. Rio de Janeiro: MEC/Conselho Federal de Cultura, 1980. 310p.

_____. *Livro de horas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947. 323p.

PEREIRA, Jaime S. Sodré. *A influência da obra escultórica do Mestre Didi*. Salvador: EBA/UFBa, 1995.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. 559p.

_____. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974. 183p.

PORTUGAL, Claudius. *Outras cores; 27 artistas da Bahia; reportagens plásticas*. Salvador: FCIA / TELEBAHIA, 1994. 105p. (Casa de Palavras, série arte, 1).

QUERINO, Manoel R. *As artes na Bahia; esboço de uma contribuição histórica*, 2ed. Bahia: Diário da Bahia, 1913. 241p.

QUERINO, Manoel Raymundo. *Artistas bahianos; indicações biográficas*. 2ed. Bahia: A Bahia, 1911. 260p.

_____. Inventário 06/2697/0/17, Seção Judiciária, Capital, Arquivo Público do Estado da Bahia., 1923, 79 fls. ms.

_____. In: VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de milagres*. Rio: SEEB, 1967. p. 139-141.

REBOUÇAS, Diógenes. *Salvador da Bahia de todos os Santos no século XIX*. Bahia: Odebrecht, 1985. 224p.

REGISTRO DAS MARCAS dos ensaiadores de ouro e prata da Cidade do Salvador, 1725-1845. Bahia: Prefeitura do Município do Salvador, 1952. 107 + 21p. (col. Documentos Históricos do Arquivo Municipal).

RÉSIMONT, Jacques. Os escultores baianos Manoel Inácio da Costa e Francisco das Chagas, "O Cabra". In: Revista *Barroco*, Belo Horizonte, nº 14, p. 101-117.

REVISTA DA CIDADE DO SALVADOR, Salvador, v. 1, nº 1, p. 1-114, ago. 1975.

REVISTA DE CULTURA DA BAHIA, ano 1, nº 1, Salvador, mar/ago, 1968.

RUBENS, Carlos. *Pequena história das artes plásticas no Brasil*. São Paulo, 1941 cit. por PEIXOTO, 1947.

RUY, Affonso. *Igreja do Convento do Carmo*, 2ed. Salvador: Prefeitura do Salvador, 1965 (Pequeno Guia das Igrejas da Bahia).

SAMPAIO, Nelson de Souza. Salvador em 60 anos. *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, nº 7, p. 15-20, jan/dez. 1972.

SCALDAFERRI, Sante. Arte moderna na Bahia. In: PONTUAL, Roberto. *Jenner: a arte moderna na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 69-74.

_____. et alii. *Os primeordios da arte moderna na Bahia: depoimentos*,

textos e considerações em torno de José Tertuliano Guimarães e outros artistas. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/ FCEBA / Museu de Arte da Bahia, 1997, 182p. (Col. Casa de Palavras, série Memória, 2).

SILVA, Motta e. As artes plásticas na Bahia. *Cadernos da Bahia*, Salvador, nº 2, p. 2-9, out. 1948.

SINZIG, Pedro (fr). *Maravilhas da religião e da arte da Igreja do Convento de São Francisco da Bahia.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933. 359p. (publ. da . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

SMITH, Roberto C. *Arquitetura colonial; alguns aspectos de sua historia.* Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1951. 75p. (Publicações do Museu do Estado da Bahia, 14).

_____. Documentos baianos. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, no. 9, p. 85-134, 1952.

TORRES, Otávio. Resumo histórico da Escola de Belas artes da Bahia. In: *Arquivos da Universidade da Bahia*, Salvador, nº 1, p. 191-215, 1952.

VALLADARES, José. *Arte Brasileira.* Bahia: Progresso, 1955.

_____. *Arte brasileira, publicações de 1943 a 1953; bibliografia comentada com índice remissivo.* Salvador: Manu, 1955 (Centro de Estudos Baianos, 30).

_____. Artes maiores e menores, seleção de crônicas de arte de 1951-1956. Bahia: Progresso, 1957. 176p.

_____. As belas artes na Bahia. In: *Cidade do Salvador.* São Paulo: Habitat, s.d., s.p.

_____. *Dominicais: seleção de crônicas de arte de 1948-1950.* Bahia: Artes Gráficas, 1951. 202p.

_____. *Estudos de arte brasileira, publicações de 1943 a 1958; bibliografia seletiva e comentada.* Salvador: Museu do Estado, 1960 193p. (Publicações do Museu do Estado, 15).

_____. *A Galeria Abbott; primeira pinacoteca da Bahia.* Bahia: Secretaria de Educação, 1951. 86p.

_____. *Museu para o povo.* Salvador: Imprensa Oficial, 1946, 105p.

VIANNA JÚNIOR, Antônio Gonçalves. *Casos e coisas da Bahia*. Bahia: Beneditina, 1950. 105p.

WAGLEY, Charles. *Uma pesquisa sobre a vida social do Estado*. Bahia: Secretaria de Educação e Cultura, 1950

ZANINI, Walter. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.

Salvador, agosto 2002.